REVISTA interagir pensando a extensão

Estresses (im)predizíveis no ciclo de vida familiar em famílias negras brasileiras

(Un)predictable stressors in the family life cycle in Black Brazilian families

Claudina Damascena Ozório
Doutoranda Psicologia, PUC-Rio. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: cdozorio@gmail.com

Luciana Fontes Pessôa
Professora Adjunta da PUC-Rio. Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: pessoalf@gmail.com

Resumo

Neste estudo, apresenta-se alguns estresses (im)predizíveis como gravidez na adolescência, morte abrupta e separação que fizeram parte do ciclo vital familiar das famílias negras entrevistadas. Com o objetivo de identificar como foram manejadas as transições ao longo do ciclo vital, diante de tais estresses, foi feita uma entrevista semiestruturada com 3 famílias negras, representadas pelas mães. Como método de análise foi realizada a análise categorial de conteúdo das entrevistas e, de forma complementar, utilizou-se o software IRaMuTeQ para análise textual. Nos resultados foi possível perceber que as situações racistas podem ser consideradas estresses impredizzíveis, porém podem ser considerados previsíveis e esperadas ao longo do ciclo vital familiar das participantes e sobrecarregaram emocionalmente o sistema familiar. Com isso, a cada situação vivenciada, as mães precisaram se adaptar ao novo contexto pós estresse, readequando projetos de vida e tendo de lidar com as consequências. O estudo contribui para as áreas de psicologia clínica e do desenvolvimento, promovendo reflexões sobre as complexidades em torno das famílias negras. Além disso, os resultados da pesquisa podem colaborar para a construção de ferramentas teórico-práticas para a intervenção, visando a promoção de saúde e bem-estar emocional de famílias afro-brasileiras.

***Palavras-chaves*:** Famílias negras, trajetória de socialização, ciclo vital, estresses impredizíveis.

Abstract

This study explores some (un)predictable stressors such as teenage pregnancy, sudden death, and separation as part of the family life cycle of interviewed Black families. In order to assess how life cycle transitions were handled amidst such stressors, semi-structured interviews were conducted with three Black families, each represented by its maternal figure. The method used to analyze the interviews was categorical content analysis and, in addition, the IRaMuTeQ software was used for the textual analysis. The results reveal that although racist situations can be considered unpredictable stressors, they can be perceived as predictable and expected throughout the family life cycle of the participants and that they emotionally overload the family system. Confronted

Artigo recebido em: 16 de janeiro de 2024
Aprovado em: 08 de julho de 2024, Nº. 37, P42-61, DOI: 10.12957//interag202481372

with each situation experienced, the mothers had to adapt to the new post-stress context by recalibrating their life plans and dealing with the ensuing consequences. This study contributes to the fields of clinical and developmental psychology, and encourages reflections on the complexities surrounding Black families. Furthermore, the findings of the research can contribute to the development of theoretical and practical intervention tools aimed at enhancing the health and emotional well-being of Afro-Brazilian families.

Keywords: Black families, life cycle, unpredictable stressors

Linha da extensão: Desenvolvimento Humano

Área Temática: Psicologia Clínica

Introdução

O conceito de família evoluiu ao longo do tempo, deixando para trás o modelo tradicional patriarcal, caracterizado pela autoridade absoluta do pai (Ariès, 1981)[1]. Atualmente, diversos modelos familiares coexistem, marcados por dinâmicas mais equitativas entre os membros do casal (Saffioti, 2015[2]; Ozório, Féres-Carneiro & Magalhães, 2017[3]). Além disso, considerações interseccionais, como gênero, raça e classe, passaram a influenciar a compreensão e a diversidade de modelos familiares.

Em 2016, a campanha #TodasAsFamílias, promovida pela agência NBS, influenciou uma mudança na definição do conceito de família no dicionário Houaiss. A nova definição destaca a família como um "núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária" (Houaiss, 2016[4]), rompendo com modelos preconcebidos e limitados, afastando-se do padrão branco, de classe média, heteronormativo e patriarcal. Assim, a nova definição de família destaca o reconhecimento e respeito à diversidade, especialmente para grupos historicamente minorizados (Santos, 2020[5]; Almeida, 2021[6]). Com isso, incorpora diferentes modos de funcionamento, destacando a heterogeneidade dos grupos familiares, com referências diferentes do padrão institucionalizado e socialmente construído. Desse modo, essa definição abrange as complexidades das famílias negras, objeto de estudo da presente pesquisa (Krinert & Consalter, 2019[7]; Ozório & Pessôa, 2023[8]). É importante enfatizar que,

independentemente das mudanças na definição, a família continua sendo o principal ambiente de socialização, desempenhando um papel crucial na inserção do indivíduo na sociedade e em outras instituições (Almeida & Vasconcellos, 2018[9]).

Ao longo do ciclo vital, as famílias passam por estágios previsíveis, como casamento, nascimento e envelhecimento, enfrentando transições próprias de seu desenvolvimento. O sistema familiar integra novos membros por meio de nascimento, adoção e casamento, enquanto a saída ocorre geralmente pela morte (Carter & McGoldrick, 1995[10]). Porém, situações disruptivas, como gravidez na adolescência, morte precoce e violência do Estado, podem acontecer, gerando estresses impredizíveis no sistema familiar, aumentando a ansiedade tanto vertical, por padrões passados geracionalmente, quanto horizontal, por estressores desenvolvimentais imprevisíveis ou impredizíveis. A interseção entre esses elementos contribui para o aumento da ansiedade do sistema familiar. O ciclo de vida individual ocorre dentro do ciclo de vida familiar, sendo influenciado pelos diversos sistemas, desde o microssistema familiar até o macrossistema social, cultural, histórico, político e econômico (Bronfenbrenner, 2011[11]). Os estudos sobre o ciclo de vida familiar, iniciados na década de 1940 por sociólogos como Evelyn Durval e Reuben Hill, enfatizam a perspectiva desenvolvimental. Pesquisadoras como Betty Carter e Monica McGoldrick ampliaram essa visão, compreendendo a família como um sistema complexo em constante movimento ao longo do tempo. Contudo, esses estudos originalmente focaram em famílias brancas e de classe média nos Estados Unidos, e sua aplicação a famílias negras brasileiras requer uma abordagem racializada para considerar suas especificidades

No contexto brasileiro, fatores sociais e raciais permeiam o ciclo de vida individual e familiar. As famílias negras brasileiras, inseridas nesse lugar interseccional, enfrentam complexidades sócio-históricas que moldam suas experiências ao longo do tempo. Nessa perspectiva, Keller (1998)[12] destaca a necessidade de considerar o papel do contexto no desenvolvimento, observando que os contextos ocidental e não ocidental diferem, influenciando a trajetória de socialização do indivíduo em desenvolvimento. Nesse cenário, as famílias, especialmente nas áreas urbanas, enfrentam diversas situações desafiadoras, com os jovens negros constantemente sujeitos às violências reais e simbólicas do Estado

(Almeida, 2015[13]). Essas tensões podem ser consideradas estressores impredizíveis, promovendo transições idiossincráticas no ciclo de vida familiar, sem rituais estabelecidos (Imber-Black, 1995[14]). Portanto, as famílias negras enfrentam maiores demandas por mudanças, adaptação e flexibilidade, considerando essas demandas como fatores adicionais de estresse ao longo dos diferentes estágios do ciclo de vida familiar (Hines, 1995[15]). Para as famílias negras, tais situações parecem previsíveis, demandando recursos especiais de proteção diante das exigências, adaptando-se e sendo flexíveis diante de fatores estressores adicionais

Assume-se neste trabalho que o fator racial tem impacto na vida das famílias, considerando que qualquer indivíduo pode enfrentar tanto estresses previsíveis, como transições de ciclo de vida, quanto eventos imprevisíveis, como morte prematura e separação. Além disso, destaca-se a importância de considerar o gênero, especialmente nas famílias negras, onde as mulheres negras muitas vezes assumem o papel de principais provedoras, enfrentando interseções de desigualdades raciais, sociais, educacionais e de gênero, o que vulnerabiliza ainda mais as famílias (Santos, 2016[16]). Nessa perspectiva, pode-se considerar que os eventos (im)predizíveis no ciclo de vida familiar para as famílias negras no Brasil tem maiores chances de ocorrer devido ao contexto social, o que na verdade os tornam predizíveis. A busca pela superação desses eventos e das desigualdades exige das mães medidas protetivas e estratégias que se dão pela via de projetos que incluam a educação como um pilar fundamental para a construção de um futuro melhor para a prole. Para tanto, deve-se levar em consideração as políticas públicas de Estado para a população negra, com efeitos ao acesso básico à saúde, moradia, educação e aos cuidados com a saúde mental, por exemplo.

Neste estudo, analisa-se o impacto de estresses (im)predizíveis no ciclo vital familiar das famílias negras, com foco nas estratégias adotadas pelas mães para lidar com esses desafios. O principal objetivo é identificar, a partir do discurso delas, como elas manejaram as transições ao longo do ciclo vital diante dos estresses (im)predizíveis vivenciados. O contexto urbano impõe às famílias negras a convivência com a violência, especialmente as provocadas pelo Estado. As mães enfrentam a preocupação constante com a segurança dos

filhos, além de lidarem com estigmas históricos sobre corpos negros e o racismo estrutural (Almeida, 2019[16]). Diante desse cenário, as famílias precisam reforçar barreiras de proteção de modo a minimizar os efeitos dos estressores impredizíveis.

Estresses impredizíveis

A perda abrupta de um membro familiar por violência, aprisionamento, doença crônica são exemplos de estresses impredizíveis para o sistema familiar, sobrecarregando emocionalmente os seus membros, especialmente as mães. Nesse contexto, as famílias negras possuem múltiplos estresses desenvolvimentais impredizíveis (Carter & McGoldrick, 1995[10]) com o endossamento do contexto sócio-histórico, inserindo esse grupo, especialmente dos centros urbanos, em constante situações provocadas por estressores externos. O impacto desses estressores externos, como atitudes discriminatórias dos sistemas de poder, combinados aos estressores desenvolvimentais normais do ciclo vital familiar, torna-se extremamente estressante diante de qualquer demanda de adaptação ou mudança dos membros familiares. Hines (1995[15]), enfatiza o ciclo de vida truncado como características do ciclo de vida familiar nas famílias negras pobres. As etapas do ciclo de vida se misturam, forçando as mudanças de papéis geracionais, como adolescentes assumindo responsabilidade de cônjuges ou maternas ou paternas, representando um ciclo vital encurtado, com um tempo inadequado para resolver as tarefas desenvolvimentais de cada estágio. Segundo a autora, as crises sobrecarregam a capacidade adaptativa das famílias, levando-as ao empobrecimento emocional.

Dessa forma, embora haja a naturalização da violência racial, respaldada no racismo estrutural (Almeida, 2019[15]) presente na lógica social brasileira, pode-se relacionar as vivências do racismo na infância (Unicef, 2010[17]; Ozório & Pessôa, 2023[8] como um evento (im)predizível e causador de estresse no ciclo de vida individual, tendo impactos negativos no avanço desenvolvimental tanto individual, quanto familiar, o que pode ser percebido nos discursos das mães entrevistadas. Se essas situações vivenciadas acontecem desde muito cedo na vida de crianças negras, pode-se afirmar que tais situações são esperadas ao longo

de sua trajetória de desenvolvimento e de socialização, sendo fonte de preocupações dos cuidadores desde muito cedo. Desse modo, as mães vão precisar intensificar os cuidados com a prole e construir estratégias de proteção mais eficazes devido ao racismo. Assim, pode-se afirmar que o racismo e as suas diversas formas de atuação promovem situações de estresses (im)predizíveis, sobrecarregando emocionalmente o ciclo vital familiar das famílias negras.

Método

Participantes

Foram estudadas 3 famílias (duas de configuração monoparental e uma recasada), constituídas por três díades (três mães e três filhos, sendo um menino e duas meninas) das seguintes regiões do país: Rio de Janeiro (2) e Minas Gerais (1). Todos autodeclarados negros[1].

Nomeação das famílias

De acordo com o discurso e a história dos sujeitos sobre a própria família foram escolhidos os adjetivos que representam o grupo familiar e foi dado um nome fictício para os sujeitos. O quesito raça/cor foi estabelecido com base na perspectiva de quem a responde (autodeclaração e heteroidentificação). Observa-se que não há diferenças significativas de escolaridade entre os subgrupos, com grande parte das mães apresentando níveis mais altos do que os filhos. Assim, segue abaixo os dados biográficos dos sujeitos e das suas respectivas famílias e a região do país em que residem.

[1] A autodeclaração é como a pessoa define a si mesma com base na classificação de raça/ cor utilizado pelo IBGE (2019)

1. Famíla Sisters - Configuração monoparental/ uniparental reside em Maricá/ RJ é composta por Sula (42 anos, mãe, enfermeira com pós graduação completa) e Núbia (21 anos, filha, Técnica em enfermagem com ensino médio completo).
2. Família Estudiosa - Configuração recasada reside em São João do Meriti/ RJ é composta por Anele (41 anos, mãe, Professora de Educação Física, com pós-graduação completa) e Zuri (21 anos, filha, Estudante, possui ensino superior incompleto).
3. Família Coragem - Configuração monoparental reside em Belo Horizonte/MG é composta por Haven (38 anos, mãe, Analista social/ CLT) e Danso (20 anos, filho, Afroempreendedor, possui ensino superior incompleto).

Instrumentos e Procedimentos

Foi realizada uma entrevista sobre a trajetória de socialização do/a filho/a participante da pesquisa que consiste em entrevista semiestruturada, com roteiro oculto utilizado para a coleta de dados. O roteiro da entrevista é composto pelos tópicos 1 - infância e adolescência cujos temas foram: cuidados maternos, projetos educativos, regras e limites, conflitos e relações sociais. E pelo tópico 2 – questões raciais, cujos os temas foram sobre como criar crianças negras, cor de pele, racismo e leituras e estudos sobre questões raciais. Todos os sujeitos da pesquisa assinaram o TCLE (Termo de Consentimento, Livre e Esclarecido), sendo que os filhos participantes eram maiores de 18 anos. Utilizou-se a plataforma *ZOOM*, para a realização das entrevistas que foram gravadas e, posteriormente, transcritas para análise dos dados.

Os participantes também preencheram um formulário de dados sociodemográficos com as seguintes informações: configuração familiar; nível de escolaridade; profissão/ situação laboral; sexo/ gênero/ orientação sexual e raça/cor/etnia. O processo de recrutamento dos participantes foi feito via mídias sociais como Facebook, Instagram e Whatsapp e foi divulgado em todo o território nacional. Os sujeitos manifestaram o interesse em participar da pesquisa, concordaram e assinaram os termos de consentimento. As

entrevistas aconteceram, via plataforma Zoom. Todos receberam nomes fictícios representativos do discurso sobre si apresentados nas entrevistas. A análise das famílias contém os relatos das três mães entrevistadas referentes às famílias: Sisters, Estudiosa e Coragem. A análise do discurso das entrevistas foi realizada, conforme proposto por Bardin (2016[18]). De forma complementar, a análise do material textual foi realizada utilizando o software IRaMuTeQ.

Procedimentos éticos

A pesquisa seguiu as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Brasil) e do Código de Ética Profissional dos Psicólogos, e atendeu às exigências estabelecidas pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Psicologia da PUC-RJ e aprovado, pelo Protocolo 13-2022, segundo as normas vigentes no país para pesquisas envolvendo sujeitos humanos. Todos os participantes receberam informações on-line e escritas sobre objetivos da pesquisa, responsabilidade, método empregado e direito a recusar o consentimento.

Contextualizando as famílias entrevistadas

Como o intuito de ilustrar os construtos teóricos, apresenta-se o contexto familiar em que as famílias entrevistadas para o presente estudo estão inseridas. Considerou-se as famílias que tiveram vivências de situações disruptivas, consideradas estressores impredizíveis ocorridos ao longo do ciclo vital como morte precoce e/ou abrupta, com transições idiossincráticas como nos casos de gravidez na adolescência, violência doméstica na família de origem e separação. Embora as famílias residam em regiões distintas do país, foi possível observar similaridades nas vivências, especialmente quando se tratou das questões raciais, apontando o fator racial como um dado significativo para o aumento da probabilidade de os estressores impredizíveis ocorrerem nas transições do ciclo vital familiar. Foram analisadas as situações inesperadas, ocasionadoras de estresses impredizíveis

ocorridos nas famílias: Sisters, Estudiosa e Coragem. Todas as famílias participantes passaram por pelo menos um dos estresses citados, tendo de se reorganizar de modo a proteger seus membros familiares, especialmente os filhos. Nesses casos, as mães foram as relatoras das situações e, também, foi quem precisou reorganizar os rituais no sistema familiar, de modo a minimizar os danos ao longo da trajetória de socialização dos filhos. Os principais estresses impredizíveis que fizeram parte do ciclo vital familiar dos sujeitos entrevistados foram:

1. Separação - Sula (Família Sisters); Anele (família Estudiosa) e Haben (Família Coragem);
2. Gravidez na adolescência - Sula e Haben;
3. Morte precoce e/ou súbita de um membro familiar - Sula e Anele;
4. Outro - Sula (Depressão e tentativa de suicídio da filha na adolescência) e Haben (Violência doméstica na família de origem).

Família Sisters

Sula engravidou do namorado ainda na adolescência, quando a mãe ainda era viva. Eles não se casaram e ela seguiu cuidando de Núbia (filha) com a ajuda da mãe. Durante os três primeiros anos da filha, a mãe de Sula foi a principal responsável, deixando-a de fora dos cuidados maternos com a criança. Com a morte da mãe quando a filha tinha 3 anos de idade, ela precisou assumir as responsabilidades pelas quais não tinha construído habilidades e enfrentou a solidão da maternagem. O falecimento da mãe, a rede de apoio fragilizada, o vínculo frágil com o pai e com o pai da filha, dificuldade em fazer novas amizades, a maternidade precoce e o isolamento social fizeram parte do início da vida adulta de Sula, o que ela nomeou de “uma tragédia”. Depois da morte da mãe, ela foi morar com o pai que não a recebeu bem, tornando a sua vida ainda mais difícil. Então, ela foi morar na casa da cuidadora da filha, que era a sua vizinha de quando a mãe era viva. A partir daí, as vizinhas passaram a ser a sua rede de apoio em relação à organização da própria vida e em relação

aos cuidados com a filha e essa dinâmica permaneceu similar até cerca de 16 anos de idade dela, ou seja, a infância e a adolescência da criança foi cuidada pela rede de apoio, com a ausência de Sula. Embora o sistema familiar de mãe e filha tenha se reorganizado após a morte repentina da mãe de Sula (cuidadora principal), os momentos de estresse fizeram parte da trajetória de desenvolvimento da filha, ainda na infância, e de Sula ainda na adolescência, perdurando em outras situações que a mãe relata ao longo da entrevista. Com o passar do tempo, o pai de Sula teve um quadro de demência grave e precisou acolhê-lo e na mesma época, a filha (Núbia) teve depressão e tentou se matar, o que a fez parar a vida para cuidar dela. As situações inesperadas (morte precoce da mãe, instabilidade econômica e de lugar, demência do pai e depressão da filha) fizeram parte do seu ciclo vital familiar como estresses impredizíveis. Na história de Sula, o ciclo de vida truncado (Hines, 1995[14]) ocorre devido aos acontecimentos que atropelam as tarefas desenvolvimentais dela e de todo o seu sistema familiar, com mudanças abruptas de papéis, ocasionando dificuldades no processo de atravessamento de cada estágio. Na adolescência, ela se torna mãe, depois universitária e depois profissional e com isso sobrecarrega as tarefas desenvolvimentais do ciclo de vida individual e as transições do ciclo de vida familiar não estavam claramente delineadas, como os cuidados com seu bebê sendo feito pela avó, cumprindo as obrigações com a criança que deveriam ser da mãe.

Família Estudiosa

Na Família Estudiosa, Anele estava em processo de separação quando a mãe faleceu de forma abrupta e inesperada, vítima de um infarto fulminante. Assim, duas crises situacionais aconteceram, simultaneamente, e ela precisou se adaptar rapidamente, pois os filhos ainda eram pequenos e sua mãe era uma figura de apoio fundamental nos cuidados com a prole. Ela então precisou assumir todos os cuidados com a prole e ainda precisou cuidar da irmã mais nova que foi morar em sua casa. Em seu relato, ela tem origem em uma família tradicional, “bem carioca”. Ela se casou muito cedo com o ex-marido (pai dos dois primeiros filhos), eles eram amigos do grupo de jovens. A filha foi a primeira neta tanto da família materna quanto da família paterna, “uma criança muito bem recebida e sonhada”.

Segundo ela, a mãe foi muito presente na primeira infância da Zuri e a ajudou muito nessa fase, pois ela estava terminando a faculdade e depois começou a fazer outro curso. A mãe foi fundamental nos cuidados com a filha e as irmãs também auxiliaram-na nessa fase. “Então foi assim, a vida, a primeira infância da Zuri foi em torno de mulheres fortes, decididas, que foi eu, minha mãe e minhas duas irmãs”. A educação sempre foi um valor que norteou as escolhas de Anele ao longo da trajetória de desenvolvimento dos filhos, o que reverberou nos projetos educativos deles. Porém, a morte inesperada da mãe modificou os rumos da vida de toda a sua família. Zuri, a filha mais velha de Anele, tinha apenas seis anos de idade. O desmembramento da família, a morte súbita da mãe e a separação de Anele são estresses impredizíveis em sua família e tais situações são consideradas transições idiossincráticas do ciclo de vida familiar (Imber-Black, 1995[13]), exigindo uma reelaboração dos relacionamentos e rearranjos dentro do sistema familiar, de modo a buscar a homeostase e o equilíbrio. Esse foi um marcador importante na trajetória de socialização de Zuri e na vida dos demais familiares. A partir daí a família precisou se reorganizar, construindo um novo formato. Com a separação do marido, a família passa de configuração nuclear/casada, torna-se monoparental e com a morte da mãe, o pai de Anele recasou e o seu sistema familiar de origem também se modifica, surgindo uma dinâmica familiar de configuração recasada. Todas essas situações são consideradas múltiplos estressores no sistema familiar, exigindo rearranjos efetivos e afetivos. Outro fator são os cuidados em torno de como manter a boa educação, com o que ela considera boa escola, no geral, escolas particulares. Para Anele, boa educação significa mais do que o projeto pedagógico da escola, significa cultura, cursos e outras atividades que possibilitem ampliar o universo da criança, tanto que a filha estuda em escola federal desde muito pequena. A ideia dela de boa educação “é a criança ter acesso ao que ela pode beber de melhor” como cursos de línguas, música e meditação, por exemplo. Para isso, ela precisou abdicar da própria vida para que os filhos pudessem ter acesso ao que ela considera como boa educação.

Família Coragem

Na Família Coragem, a escolha do nome foi devido às características dos membros familiares entrevistados em que a mãe precisou de muita coragem para encarar a vida ainda na adolescência, com uma gravidez precoce e um pai violento, Haben se casou muito nova para sair do ambiente de violência no ambiente familiar de origem. O filho Danso, desde muito pequeno, precisou coragem para enfrentar a vida fora de casa, e já na adolescência resolvia os próprios conflitos extra lar, criando estratégias de sobrevivência em ambientes hostis e violentos, como a escola particular que estudou. A Família Coragem era de configuração nuclear/ casada até os seis/ sete anos de idade de Danso (filho mais velho), depois disso Haben se separou (divorciou) do marido, ficou cuidando dos filhos e se recasou com outro homem, mudando então a configuração para recasada. Haben ficou grávida do namorado na adolescência, ela tinha 16 anos. Ela estava terminando o segundo grau e foram as irmãs que a ajudaram nos cuidados com o bebê para que ela pudesse retornar para à escola. Durante a gravidez, ela passou por momentos estressantes dentro da família nuclear. Ainda menor de idade precisou se casar com o pai de Danso e eles alugaram um apartamento para morar logo após o casamento. Além disso, o ambiente de violência doméstica na casa dos pais a fazia repensar formas de manter o filho longe dali. A presença de violência na dinâmica familiar é mais um fator estressor na família nuclear de Haben, o que criou barreiras adicionais ao desenvolvimento normal esperado para cada etapa do ciclo vital individual. O fato de estar grávida ainda na adolescência, juntamente com a pressão dos pais diante disso, colocam-na em situação de maior vulnerabilidade. As fronteiras entre os estágios do desenvolvimento ficaram confusas e as responsabilidades inerentes à vida adulta jovem se impuseram de modo que o casamento com o namorado precisou ocorrer e as consequências disso também vieram. O ex-marido não foi presente como pai e nem como parceiro, mesmo durante o casamento. Ela precisou coragem para edificar a própria família e depois, seguir adiante. Então, o atual marido que entrou na vida da família pouco tempo depois dela se separar, se fez mais presente, cumprindo a função paterna de forma mais participativa. A educação formal é considerada um valor importante nessa família, mas, muitas vezes, Haben precisou lidar com situações discriminatórias e preconceituosas no âmbito escolar e social dos filhos.

Uma dessas situações foi quando Danso sofreu racismo na escola, ainda no período de alfabetização. Uma coleguinha repetia falas racistas para ele, o que o fazia chorar. Haben conversou na escola, mas as falas da menina para o Danso não cessaram. Então, ela tomou a decisão de intervir procurando a coordenação. Ela decidiu que o filho seria o próximo aluno a contar história na próxima aula, não era o dia dele fazer a atividade, mas, mesmo com resignação, a escola acatou, pois Haben ameaçou publicizar a situação. Embora os pais das outras crianças não tenham gostado da história contada sobre a tinta de Deus, Haben se manteve firme, defendeu o filho e as falas racistas contra ele cessaram.

Resultados e Discussão

Na Família Sisters e na Família Estudiosa, a figura materna era a principal rede de apoio, sendo um pilar organizador do sistema familiar como um todo, sendo a mãe a figura de apoio fundamental tanto para Sula quanto para Anele. Com a morte inesperada da mãe, ambas precisaram lidar com a transição de lugares e de responsabilidades no ciclo vital familiar. Em casos de mais de um filho ou filha (Anele e Haben), pode-se perceber a tendência à parentalização do filho mais velho que se torna o principal ponto de apoio da mãe na tarefa de criação da criança mais nova. Sobre questões raciais e vivências de situações de racismo nem sempre os filhos perceberam durante a infância, sendo essa uma experiência vivida, mas não nomeada pelos filhos/as enquanto criança, mas interpretada pelas mães e entendida pelos filhos como violência racial somente na fase adulta (Família Coragem). Temas como rejeição, embotamento afetivo e estratégias de sobrevivência na escola também fizeram parte da vida Danso, da Família Coragem.

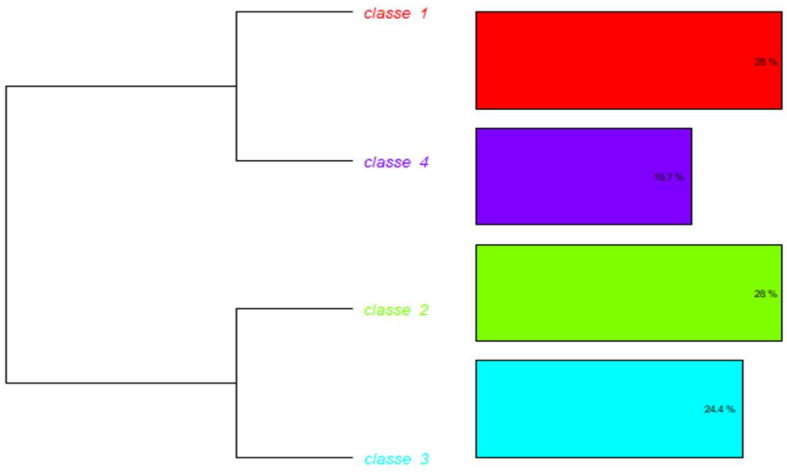
Foi possível captar nos relatos das mães a ausência de um parceiro para dividir os cuidados com a prole, levando a sobrecarga de função, o que acaba por transbordar as responsabilidades nos filhos que, precisam assumir tarefas que ainda não haviam desenvolvido capacidade maturacional. Nas três famílias entrevistadas, as mães são as principais responsáveis pela educação e pelos cuidados com a prole. A figura paterna não foi entrevistada, mas surge em alguns momentos nos relatos das participantes. Ora como uma

figura coadjuvante e auxiliar, ora em lugar de ausência e abandono. As mães, então, acabam por serem as principais responsáveis por dar apoio emocional e, muitas vezes, material aos filhos em todas as etapas da vida deles. A rede de apoio foi um fator importante na trajetória de desenvolvimento dos filhos e na falta de familiares ou de recursos financeiros para pagar uma rede maior surgiam as tias, que eram vizinhas ou outras mulheres que auxiliavam nos cuidados com as crianças. Independentemente se essa relação era paga ou não, essas auxiliares raramente, quando nunca, eram mencionadas como empregadas ou babás. A relação era estabelecida como entreajuda, de forma mais afetiva e as crianças também entendiam a relação dessa forma.

Análise do corpus textual pelo software IRaMuTeQ

O corpus geral é composto por três textos separados por 570 segmentos de texto (St) com aproveitamento de 468 St, representando 82,11% do total. Emergiram 19913 ocorrências (preposições, palavras, formas ou vocabulários) sendo 1600 palavras com formas distintas e 1367 palavras com uma única ocorrência. O conteúdo analisado foi categorizado em quatro classes: Classe 1 e Classe 2, contém 131 segmentos de texto entre os 468 analisados, ambos representando 28%. A classe 3, contendo 114 St entre os 468 analisados, representa 24,4%. E por último, a classe 4 com 92 segmentos de texto dos 468 analisados, representando 19,7%. (**figura 1**)

Figura 1 - Divisão e porcentagens das classes analisadas pelo IRaMuTeQ.



De modo a visualizar melhor as classes elaborou-se um organograma com a lista das palavras geradas pelas classes a partir do teste do qui-quadrado. Estabeleceu-se o x^2 de 3,84 para a realização das análises. Vocabulários semelhantes entre si e os diferentes das outras classes são apresentados no organograma. A seguir serão descritas, operacionalizadas e exemplificadas cada uma das classes de acordo com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD). (**Figura 2**).

Figura 2 - Organograma com a lista de palavras divididas nas classes.

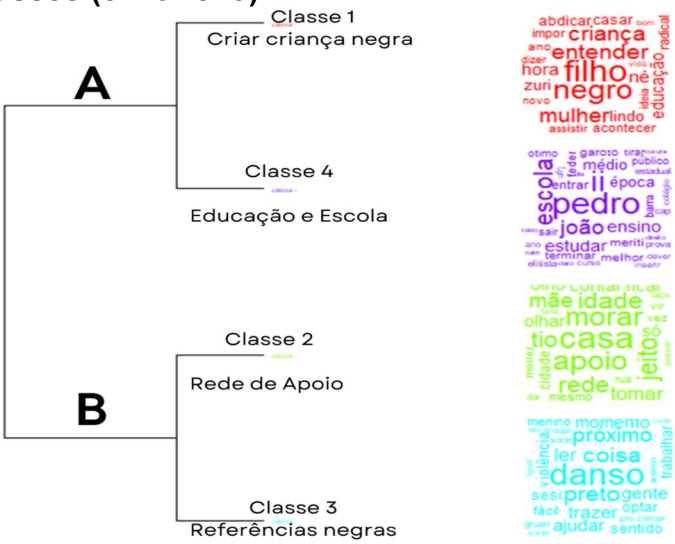
Essas quatro classes se encontram subdivididas em duas ramificações (A e B) do corpus total em análise. O subcorpus A, composto pela Classe 2 - Rede de Apoio e pela Classe 3 - Referências negras. O subcorpus B é composto pela Classe 1 - Criar criança negra e pela Classe 4 - Educação e Escola. Em ambas as classes surgiram palavras que se referem aos temas projetos educativos, escolha da escola e questões raciais, principalmente quando se refere aos desafios de criar crianças negras com o racismo estrutural fazendo parte do cotidiano.

A Classe 1 é composta por palavras como: 'filho' (x^2=45,66), 'negro' (x^2=40,22), 'entender' (x^2=30,05), 'criança' (x^2=27,9), etc. A Classe 1 se relaciona com as respostas das mães sobre os desafios de criar crianças negras, baseado em formas de educar e de se organizar de modo a cumprir os projetos educativos do filho, o que tem a ver com a escolha da escola e com a educação, temas que também compõem a Classe 4. A Classe 2 é composta por palavras como: 'casa' (x^2=31,22), 'apoio' (x^2=26,29), 'morar' (x^2=25,34), 'família' (x^2=20,8), 'rede' (x^2=20,94) etc e se relaciona com 'lar', no sentido de lugar, moradia, rede de apoio e cuidados. A Classe 3 é composta por palavras como: 'Danso' (x^2=44,38), 'preto' (x^2=28,5), 'ler' (x^2=22,07), 'próximo' (x^2=25,27), 'ajudar' (x^2=18,87), 'trazer' (x^2=20,05) etc e se relaciona com a busca das mães em apresentar referências negras para os filhos, especialmente na criação de Danso, filho de Haben da Família Coragem. A Classe 4 é composta por palavras como: 'Pedro' (x^2=94,35), 'II' (x^2=89,86), 'escola' (x^2=67,25), 'estudar' (x^2=37,56), 'ensino' (x^2=37,5), 'João' (x^2=54,65) etc e se relaciona com a ideia sobre o que é boa escola, especificamente as mães Sula e Anele que se referem ao Colégio Pedro II, uma escola considerada de qualidade na cidade do Rio de Janeiro e João tem a ver com a cidade São João do Meriti na Baixada Fluminense/ RJ, cidade onde a Família Estudiosa reside. A representação das classes, com seus respectivos nomes e nuvens de palavras correspondentes à classe estão no organograma abaixo.

As classes representam as práticas de cuidado que as mães utilizam ao longo da trajetória dos filhos de modo a executar os projetos educativos deles. A promoção de boa educação através da busca por escolas consideradas de qualidade faz parte do projeto de vida que as mães desenharam para os filhos, sendo uma forma de escapar das violências

raciais impostas. O trabalho a ser realizado é o de proteger a prole dos estressores impredizíveis, fortalecendo-a através da educação, com rede de apoio confiável e promovendo o fortalecimento da autoestima e da identidade dos filhos negros através de referências positivas sobre negros e negritude. Diante desses resultados, a discussão que se impõe é a de que outras formas se pode proteger as famílias negras, visando a promoção de saúde diante de tantos estressores impredizíveis que acometem esse grupo, de forma constante, ao longo do ciclo vital familiar?

Figura 3 - Organograma com a nomeação das classes e a lista de nuvens de palavras divididas nas classes (em anexo).



Considerações finais

A presente pesquisa objetivou identificar, através dos relatos maternos, como as famílias negras lidaram com as transições ao longo do ciclo vital diante de estresses (im)predizíveis, especialmente diante das violências reais e simbólicas presentes no mesossistema urbano, que são intensificadores das tensões na criação da prole. As mães enfrentam situações disruptivas e o racismo estrutural na instituição escolar, tornando a luta pela sobrevivência uma prioridade. O foco é garantir que a prole retorne para casa bem, cumprindo o projeto de futuro desejado por elas. A tentativa de concretizar um projeto

educativo protetivo, embora gere tensões, representa a estratégia adotada para avançar ao longo do tempo. As situações disruptivas ocorrem de forma iminente, promovendo transições idiossincráticas e truncadas no ciclo de vida familiar. Essas situações intensificam as respostas emocionais, sem rituais que facilitem as transições. O impacto dos estressores externos, somados aos desenvolvimentais, demanda mudanças e flexibilidade. O racismo estrutural é previsível na trajetória de socialização das crianças negras, levando as mães a se adaptarem a novos contextos pós-estresse, readequando projetos de vida, como exemplificado por Anele, que abdicou de seus próprios planos em prol da educação da filha.

Os construtos teóricos de Carter e McGoldrick (1995)[10] são confirmados pela análise dos discursos. Temas como solidão na maternagem (Sula), estressores impredizíveis como mortes inesperadas (Sula e Anele), separação (Anele e Haben), gravidez não planejada (Sula e Haben), sacrifícios pela educação (Anele), rede de apoio fragilizada (Sula) e ausência paterna (Sula, Haben e Anele) surgiram nos discursos das mães entrevistadas. Esses estressores atravessam o ciclo vital familiar, superando os estressores normativos e predizíveis, sobrecarregando emocionalmente as mães, principais cuidadoras das crianças negras, e complicando a socialização da prole. O estudo, apesar de contribuir para a compreensão dos estressores impredizíveis ao longo do ciclo vital em famílias negras, apresenta limitações, como o pequeno número de participantes (3 famílias) e a necessidade de ampliação para outros contextos brasileiros. Sugere-se o uso de metodologias adicionais em estudos futuros e se destaca a importância de dossiês temáticos para a produção e divulgação científica. Apesar das limitações, o artigo oferece valiosas contribuições para as áreas de psicologia clínica e do desenvolvimento, promovendo reflexões e servindo como referência para intervenções, visando o bem-estar emocional de famílias negras no Brasil.

Referências

1. ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Libros tecnicos e cientificos editora, 1981.

2. SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência** (2ª.ed.). São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo. 2015.

3. OZÓRIO, Claudina Damasceno. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha, & MAGALHÃES, Andrea Seixas. (2017). **Casamento dos pais e conjugalidade dos filhos: do modelo tradicional ao contemporâneo.** Pensando famílias, 21(1), 20-32. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14 de Dezembro de 2023.

4. HOUAISS, Dicionário Eletrônico. Disponível em: https://houaiss. uol. com. br/pub/apps/www/v2-3/html/index. htm# 0. Acesso em12 de jan. 2024.

5. SANTOS, Richard. **Maioria minorizada: um dispositivo analítico de racialidade.** Rio de Janeiro: Telha, 2020.

6. ALMEIDA, Daniele Santos. Maioria minorizada: subvertendo a ideia de minoria atribuída à população negra. **Revista Espaço Acadêmico**, 21(230), 393-395. 2021. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60030

7. KRINERT, Rafaella de França & CONSALTER, Zilda Mara. Breve estudo sobre o status das famílias negras no Brasil/Brief study on the status of black families in **Brazil. Brazilian Journal of Development,** v. 5, n. 12, p. 29304-29315, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.34117/bjdv5n12-088

8. OZÓRIO, Claudina Damasceno & PESSÔA, Luciana Fontes. Famílias negras e socialização étnico-racial. In: Promoção de saúde e desenvolvimentos em abordagens e contextos distintos [recurso eletrônico] / organização Luciana Fontes Pessôa. – Rio de Janeiro: **Ed. PUC-Rio.** 2023.

9. ALMEIDA, LS De; VASCONCELLOS, V. M. R. Famílias Cariocas e os cuidados infantis. In. LF Pêssoa, DMLF Mendes, & ML Seild-de-Moura. Parentalidade: Diferentes Perspectivas, evidências e experiências, (1. Ed., 207p.) Curitiba: **Appris**. 2018.

10. CARTER, Betty & MCGOLDRICK, Monica. As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a Terapia Familiar. **2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas,** 1995.

11. BRONFENBRENNER, Urie. Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humano. A. Carvalho-Barreto (Trad.). Porto Alegre: **Artmed**. (Publicado originalmente em 2005). 2011.

12. KELLER, Heidi. **Diferentes Caminhos de Socialização até a Adolescência.** Ver. Bras. Cresc. Desenv. Hum., São Paulo, 8(1/2), 1998.

13. ALMEIDA, Magali da Silva. Desumanização da população negra: genocídio como princípio tácito do capitalismo. **Revista Em Pauta: Teoria Social E Realidade contemporânea**, 12(34). 2015 Disponível em: https://doi.org/10.12957/rep.2014.15086

14. IMBER-BLACK, Evan. **Transições idiossincráticas de ciclo de vida e rituais terapêuticos**. In: CARTER, Betty. & MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familia**r. 1995.

15. HINES, Paulette Moore. O **ciclo de vida familiar nas famílias negras pobres.** Em: CARTER, Betty. & MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 1995.

16. ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? 1ª. **Ed. Belo Horizonte/MG: Letramento**, 2019.

17. UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. **O impacto do racismo na infância**. Brasília: Unicef, 2010. Disponível em: www.unicef.org.br. Acesso em: 13 dez. 2023.

18. BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. **Lisboa: Edições** 70. 2016.

19. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019. Disponível em: http://www.ibge.gov.br. Acesso em: 14 dez. 2023.